

TEOLOGIA EM REVISTA

TEODICÉIA E ANSIEDADE: POR UMA  
COMPREENSÃO CRISTÃ À PARTIR  
DE AGOSTINHO DE HIPONA SOBRE  
O PROBLEMA DO MAL NO  
ENFRENTAMENTO À ANSIEDADE

Elias Rangel Torralbo



**FAESP**  
FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

## TEODICÉIA E ANSIEDADE: POR UMA COMPREENSÃO CRISTÃ À PARTIR DE AGOSTINHO DE HIPONA SOBRE O PROBLEMA DO MAL NO ENFRENTAMENTO À ANSIEDADE

Elias Torralbo<sup>22</sup>

### RESUMO

A ansiedade sempre esteve presente na história da humanidade, e, na atualidade, os seus efeitos estão cada vez mais acentuados e o número dos que são por ela afetados, aumentam significativamente, principalmente pelas imposições sociais deste tempo. Há diferentes formas e níveis pelos quais a ansiedade atinge o indivíduo, em suas mais diversas áreas, tais como: pessoal, familiar e social. Uma causa muito comum entre os que sofrem de transtorno de ansiedade é a incapacidade de lidar com o caos, com o sofrimento ou qualquer manifestação do que tem sido chamado de mal. A teodiceia se ocupa em trabalhar os atributos de Deus e sua relação com a existência e o problema do mal. Aliás, uma das angústias que afligem o ser humano é a complexidade sobre a origem, a existência, o avanço e as mais diferentes materializações do mal. A complexidade em relacionar a bondade e o poder de Deus com a existência e a realidade do mal, tem atormentado muitas pessoas, mas também motivado pensadores teológicos e filosóficos a trabalharem em elaborações em torno dessa problemática, entretanto, pouquíssimos atingiram o nível de contribuição nessa área como Agostinho Hipona, que viveu no quarto século e que tem sido considerado um dos maiores colaboradores no desenvolvimento da cristandade. A proposta do presente texto é apresentar uma reflexão sobre uma possível contribuição da elaboração teológica-filosófica deste bispo católico sobre o problema do mal aos que sofrem de transtorno de ansiedade, como desdobramento da incapacidade de lidar com as mais variadas formas de sofrimento.

**Palavras-Chave:** Ansiedade; O Problema do Mal; Psicologia; Teologia; Agostinho de Hipona.

### ABSTRACT

Anxiety has always been present in the history of mankind, and nowadays, its effects are increasingly accentuated and the number of those affected by it, increases significantly, mainly due to the social impositions of this time. There are different ways and levels by which anxiety affects the individual, in its most diverse areas, such as: personal, family and social. A very

---

<sup>22</sup> Elias Torralbo. Graduado em Teologia, Mestrado em Teologia pelo Andrew Jumper, mestrando pela FABAPAR, graduando em Pedagogia. Diretor executivo da FAESP.

common cause among anxiety disorder sufferers is the inability to cope with chaos, suffering or any manifestation of what has been called evil. Theodicy is concerned with working on the attributes of God and his relationship to existence and the problem of evil. In fact, one of the anxieties that afflict the human being is the complexity of the origin, existence, advancement and the most different materializations of evil. The complexity in relating the goodness and the power of God with the existence and reality of evil, has plagued many people, but it has also motivated theological and philosophical thinkers to work on elaborations around this problem, however, very few have reached the level of contribution in this area like Augustine of Hippo, who lived in the fourth century and who has been considered one of the greatest collaborators in the development of Christianity. The purpose of this text is to present a reflection on a possible contribution of the theological-philosophical elaboration of this Catholic bishop on the problem of evil to those who suffer from anxiety disorder, such as the unfolding of the inability to deal with the most varied forms of suffering.

**Keywords:** Anxiety; The Problem of Evil; Psychology; Theology; Augustine of Hippo

## INTRODUÇÃO

O problema da ansiedade não é novidade à realidade humana. No entanto, o imediatismo que caracteriza o tempo moderno, principalmente pelas imposições sociais, que nas palavras de Gary R. Collins (2004, p. 90), referindo-se à ansiedade, evidenciam “a sua presença e, provavelmente, aumentaram a sua influência”. A ansiedade tem levado pessoas do mundo inteiro ao sofrimento, e feito do Brasil o país que mais possui pessoas afetadas por este mal, como reflexo de problemas sociais, econômicos e sanitários.<sup>23</sup>

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul realizou uma pesquisa por meio da qual identificou-se que, em virtude da pandemia causada pela Covid-19, o número de brasileiros que sofrem de ansiedade aumentou significativamente, disparando ainda mais à frente dos demais países. De acordo com a essa pesquisa, o estresse, decorrente da pandemia, tem sido a principal causa para o aumento do número de pessoas sofrendo desse mal, além da particularidade de que, sob o aspecto social e econômico, as classes mais vulneráveis e fragilizadas, são as mais afetadas.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Essa e mais informações sobre a situação do Brasil no quesito transtorno de ansiedade, vide: <https://sindjustica.com/2020/05/27/brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20o%20pa%C3%ADs,5%2C8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o.> Pesquisado em 24/04/2021 às 13:58.

<sup>24</sup> Pesquisado em 24/04/2021 às 19:51: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-10/pesquisa-revela-aumento-da-ansiedade-entre-brasileiros-na-pandemia>

A pessoa que sofre de ansiedade tem o físico, a mente e as emoções afetadas. Quando não tratada adequadamente, a tendência é de que os sintomas de ansiedade se aprofundem e persistam por mais tempo, causando aquilo que tem sido chamado de “transtorno de ansiedade”<sup>25</sup>, cuja característica principal é a potencialização da preocupação e do medo. Uma pessoa que sofre de transtorno de ansiedade convive com a constante sensação de que algo ruim está para acontecer, o que a leva a sentir medo de forma permanente, pois ela se sente incapaz de controlar as situações que a envolvem.

Diante dessa realidade, a proposta desse artigo parte de dois princípios básicos e fundamentais: 1) o transtorno de ansiedade é uma realidade que tem levado muitas pessoas a sofrerem danos pessoais, familiares e sociais; 2) embora haja outras causas, o transtorno de ansiedade decorre da incapacidade da pessoa em lidar com o caos individual ou coletivo, com os desajustes da vida, com a injustiça, com a perda de um ente querido, ou qualquer outra face daquilo que se tem chamado de mal.

Historicamente, o problema do mal – mui especialmente a sua origem - tem sido tema de grandes debates e diversas pesquisas, apresentando-se como um dos assuntos mais inquietantes entre os homens. Um dos vultos da história que se debruçou sobre essa temática foi Agostinho de Hipona.<sup>26</sup> Sua elaboração teológica e filosófica sobre a origem do mal tem contribuído com a construção de diálogos esclarecedores e confortadores, não somente em ambientes religiosos, mas também acadêmicos.

O problema e a origem do mal ocuparam a mente de Agostinho desde quando ainda era um adolescente. Suas inquietações em torno deste tema o conduziram ao maniqueísmo, cuja teoria não foi capaz de saciar a sede do jovem promissor, que continuou buscando respostas para suas indagações. Em suas “Confissões”, é possível identificar de maneira clara e contundente essa fase de sua vida, conforme se lê em suas próprias palavras:

Buscava a origem do mal, mas buscava-a erroneamente. E, ainda mesmo, nessa indagação, não enxergava o mal que nela havia... Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Onde, pois, vem o mal? Ou seria pelo fato de Deus fazer tudo isto com matéria em que existia algo de mau, e ao dar-lhe a forma e ao ordená-

---

<sup>25</sup> O transtorno de ansiedade não é o único desdobramento que pode decorrer da ansiedade não tratada, pelo contrário, há outras formas dela se intensificar e se manifestar, como: 1) Crises de Ansiedade; 2) Ataques de Pânico; 3) Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC); 4) Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA) etc.

<sup>26</sup> O “Dicionário Crítico de Teologia” oferece uma excelente exposição da biografia de Agostinho e informa suas principais contribuições literárias, que abarcam todas as áreas fundamentais da teologia. (LACOSTE, Jean Yves (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo, SP: Paulinas: Edições Loyola, 2004, p. 68-83)

la, ter deixado nela alguma coisa que não transformasse em bem? E isto por quê? Não podia Ele convertê-la inteiramente de modo a não permanecer nela nada de mau, já que era Onipotente? Enfim, por que quis fazer dela alguma coisa e, por que não preferiu antes reduzi-la totalmente ao nada, com a sua mesma Onipotência? Poderia acaso ela existir contra a vontade divina? Se a matéria é eterna, por que a deixou perdurar tanto no passado, por um espaço indefinido de tempo, e por que motivo se comprazeu em fazer dela alguma coisa, só tanto tempo depois? (AGOSTINHO, 2001, p. 144,145).

Toda esta inquietação de Agostinho resultou numa produção teológica e filosófica, da qual o tempo não tem sido capaz de ofuscar a sua importância, de maneira que é impossível qualquer análise acerca do problema do mal sem que passe por essa fonte agostiniana.

Uma pergunta norteia a reflexão aqui proposta: como a elaboração de Agostinho de Hipona sobre a origem do mal pode contribuir no enfrentamento do problema da ansiedade? O objetivo dessa reflexão, com vistas responder à questão elencada, é mostrar a perspectiva cristã desenvolvida por Agostinho sobre a origem do mal como possível instrumento amenizador às aflições causadas pela ansiedade atualmente.

A ansiedade é campo e atuação da psicologia, enquanto o problema do mal é da teologia, e nesse caso, impõe a necessidade do diálogo entre essas áreas do conhecimento. Aliás, o diálogo entre psicologia e teologia tem sido objeto de análise e reflexão há muitos anos e de muitos estudiosos.<sup>27</sup> Esse artigo se valerá desse possível diálogo entre a psicologia e a teologia, isto é, duas áreas distintas do conhecimento que, embora tenham seus limites de atuação, têm com condições de oferecer grandes e importantes contribuições.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> O filósofo e teólogo cristão Tomás de Aquino se ocupou com o trabalho de colocar a psicologia e a teologia em diálogo, conforme se vê: “Em 1250, com Tomás de Aquino (1224-1275), as obras de Aristóteles alcançaram um notável estado de perfeição. A determinação aristotélica das relações corpo-alma e as questões ligadas a elas sobre as diferentes funções psíquicas tornaram possível a este santo da Igreja medieval uma união quase total da psicologia aristotélica com as doutrinas da Igreja. A força da psicologia tomista reside de uma parte nos fundamentos empíricos da psicologia já introduzidos por Aristóteles e nela conservados e, por outra parte, na simultânea ligação com as crenças religiosas.” (BRAGHIROLI, Elaine Maria, BISI, Guy Paulo, RIZZON, Luiz Antônio e NICOLETTO, Ugo. **Psicologia Geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 19

<sup>28</sup> Em parte do prefácio que fez à obra “A Teologia em Diálogo com as Psicologias entre os Séculos XIX e XXI” – que muito tem a contribuir para uma reflexão sobre o diálogo entre essas áreas do saber -, o professor e doutor Edilson Soares de Souza escreve: “Como a psicologia já se debruçou sobre a religião, no que se chama de *Psicologia da Religião*, a teologia pode empreender estudos que visem intensificar reflexões da psicologia que podem ser aplicadas aos aspectos da espiritualidade do ser humano, tendo no *Sagrado* um dos pontos de interesse de ambas as áreas do saber”. (WANDERLEY, Daniel Felipe Silva. **A Teologia em Diálogo com as Psicologias entre os Séculos XIX e XXI**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2019, p. 29,30)

No que tange ao processo pelo qual esse artigo buscará alcançar os seus objetivos, primeiramente, oferece uma definição para ansiedade, com uma ênfase à inquietação que o problema do mal e suas implicações são capazes de provocar no indivíduo, tendo isso como uma de suas principais causas; na sequência apresenta o contexto no qual Agostinho de Hipona desenvolveu o seu pensamento a respeito da Teodiceia, bem como parte do resultado dessa elaboração teológica, e como a obra deste teólogo e filósofo cristão do século IV pode contribuir com o apontamento de um caminho pelo qual a ansiedade pode ser enfrentada.

## 1. O problema da ansiedade e sua possível relação com o problema do mal

A ansiedade não é um problema recente na história, pelo contrário, ela é tão antiga quanto a humanidade. É evidente que os dados atestam um alto nível de casos de ansiedade no homem atual, assolando pessoas em todo o mundo, mui especialmente no Brasil. Contudo, ao olhar para a história é possível perceber o quanto esse mal levou pessoas ao sofrimento, o que reafirma a inevitabilidade de sua presença nas relações humanas, sejam elas pessoais ou interpessoais.

A área da ciência que trata a ansiedade é a psicologia. Essa ciência, que se propõe a estudar o comportamento humano surgiu a partir da fisiologia e da filosofia e alcançou sua autonomia em 1879, o que resultou em sua oficialização como ciência.<sup>29</sup> Destaca-se, no entanto, que o problema da ansiedade aparece antes mesmo do surgimento oficial da psicologia. Por exemplo, há textos bíblicos que fornecem registros históricos de personagens que em algum momento sofreram de ansiedade, como no caso de Davi que escreveu o Salmo 55 como demonstração do que sentiu por ocasião da triste decisão de Absalão, seu filho, em coabitar com mulheres à vista de todos (II Sm. 15-17); há textos sobre as consequências da ansiedade, assim como a maneira de enfrentá-la e vencê-la (Sl 94.19; Pv 12.25; Mt 6.26-28; Fp 4.6,7; I Pe 5.7).

Desse modo, fica claro que o ser humano sempre conviveu com o desafio imposto pela ansiedade, seja no sentido de evitá-la ou vencê-la. Mas, afinal, o que realmente é ansiedade, quais as suas principais causas, suas evidências e como vencê-la?

---

<sup>29</sup> “Os pais intelectuais da psicologia foram a *fisiologia* e a *filosofia*. Por volta de 1870, um pequeno grupo de estudiosos dessas duas áreas estava ativamente explorando questões sobre a mente... Foi Wilhelm Wundt (1832-1920, professor alemão, que finalmente mudou essa visão. Ele se empenhou para tornar a psicologia uma disciplina independente, em vez de simplesmente uma enteada da filosofia e da fisiologia (Fuchs e Evans, 2013). Em 1879, Wundt conseguiu montar o primeiro laboratório formal para pesquisas em psicologia na *University of Leipzig*. Em reconhecimento a este marco, os historiadores batizaram 1879 como “o ano de nascimento” da psicologia” (WEITEN, Wayne. **Introdução à Psicologia: Temas e Variações**. São Paulo, SP: Editora Cengage, 2019, p. 4)

Cruz oferece a seguinte definição para ansiedade:

Na ansiedade ocorre o desequilíbrio de certas substâncias químicas no cérebro, chamadas neurotransmissores. Destes, dois neurotransmissores, chamados serotonina e noradrenalina, estão relacionados aos transtornos de ansiedade. Quando o nível de serotonina cai e os níveis de noradrenalina se elevam, podemos ter um quadro de ansiedade, que pode ser situacional e passageira, ou persistente (CRUZ, 2019, p. 134).

Dois aspectos, portanto, devem ser considerados: a) os neurotransmissores serotonina e noradrenalina que possuem relação com o humor, ânimo e excitação, devem manter o devido equilíbrio, ou seja, a ansiedade está intimamente ligada a fatores que dizem respeito ao equilíbrio entre os extremos; b) a ansiedade pode se manifestar de diferentes formas, isto é, ela pode se dar de maneira circunstancial, em que uma situação adversa leva a pessoa a ficar ansiosa, ou pode ocorrer em um estado permanente.

Collins apresenta diferentes níveis de ansiedade, e mostra como cada um deles se apresenta, conforme se percebe em suas palavras:

A ansiedade *normal* é algo que todos nós experimentamos de vez em quando, geralmente quando existe algum perigo real ou circunstancial. Na grande maioria das vezes, esse tipo de ansiedade é proporcional ao perigo (quanto maior a ameaça, maior a ansiedade). É uma ansiedade que pode ser reconhecida, controlada e reduzida, principalmente quando as circunstâncias mudam. A ansiedade *neurótica* envolve sensações extremamente exageradas de impotência e terror mesmo quando o perigo é mínimo ou inexistente. Muitos terapeutas acreditam que essa ansiedade não pode ser enfrentada de maneira objetiva e racional porque provém de conflitos internos inconscientes... Uma ansiedade *moderada* pode ser desejável e até salutar... Já a ansiedade *intensa* é mais estressante... A ansiedade *aguda* geralmente se instala rapidamente, pode ser intensa, ou não, e tem curta duração... A ansiedade *crônica*, por sua vez, é uma tensão emocional contínua, permanente e enraizada (COLLINS, 2004, p. 90, 91).

Há dois pontos a serem levados em conta aqui: a) independentemente do nível de ansiedade que o indivíduo possa ter, é preciso atenção e cuidado, com vistas a uma ação preventiva ou até mesmo de intervenção para uma possível solução; b) é indispensável que haja equilíbrio e muita sensatez ao avaliar o nível da ansiedade para que não seja atribuída a classificação além do que realmente é, ou seja, é preciso uma correta leitura e precisa do problema.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> “Em muitos momentos de sua vida, uma pessoa pode viver situações difíceis e de sofrimento tão intenso que pensa que algo vai “arrebentar” dentro dela, que não vai suportar, que vai perder o controle sobre si mesma... que vai enlouquecer... A pessoa, então, busca a superação desse sofrimento, o restabelecimento de sua organização pessoal e

No que tange aos sintomas da ansiedade, é preciso dizer que, a depender do seu nível, eles têm diferentes manifestações. Há muitos outros sintomas, mas alguns podem servir como uma base, tais como: pensamento acelerado; desejo de ter controle de tudo; taquicardia e aperto no peito; tremores; irritabilidade frequente; preocupações, tensões ou medo exagerados; sensação permanente de que algo de muito ruim está para acontecer; falta de prazer com a família e trabalho; desânimo total e permanente. Esses sintomas pertencem a diferentes tipos de manifestações de ansiedade, que vão desde o “transtorno ansioso”, as “crises de ansiedade”, os “ataques de pânico”, até o “transtorno obsessivo compulsivo”.

Identificar as causas da ansiedade não é tarefa tão fácil quanto possa parecer, no entanto, fatalidades como acidentes, violência das mais variadas naturezas, perdas significativas, desastres naturais, ser vítima de sequestro ou assalto, e tantas outras, podem levar um indivíduo a desenvolver um quadro de ansiedade permanente. Percebe-se, portanto, que parte das principais causas que resultam em ansiedade está relacionada às mais diferentes formas de manifestação do que é chamado de mal, aliás, conforme já destacado na introdução desse artigo, a busca pelo entendimento sobre a natureza do mal tem embalado grandes e intermináveis debates.

A incapacidade do homem em impedir que o mal aconteça, torna-o impotente diante das adversidades, causando desconfiança, insegurança e conseqüentemente, grandes preocupações, conforme se lê nas palavras de Cruz:

A ansiedade é chamada o mal do século 21. Ela está ligada a nossos dilemas frente a um futuro incerto, neste mundo em que vivemos cronometrados por compromissos. Sigmund Freud, pai da Psicanálise, afirmava que a ansiedade é a mãe de todas as neuroses. Ela é fruto direto da preocupação (preocupar-se antes do problema chegar), mas não resolver o problema: apenas nos deixa mais frágeis e dominados por ela (CRUZ, 2019, p. 143).

Com base nisso, há plausibilidade na afirmação de que as dúvidas acerca da origem do mal e a incapacidade de evitá-lo e de vencê-lo, são responsáveis por boa parte dos casos de ansiedade, haja vista que a preocupação exagerada, que se materializa no sofrimento antecipado, isto é, na ocupação em buscar solução para um problema que ainda nem se manifestou, é uma de suas principais evidências. Sendo assim, fazer uma análise e ter uma boa compreensão sobre os aspectos que envolvem o problema do mal, dentro de uma perspectiva bíblica e teológica pode

---

de seu equilíbrio, isto é, o retorno às condições anteriores de rotina de sua vida, em que não tinha insônia, não chorava a toda hora, não tinha os medos que agora tem, por exemplo. Embora o sofrimento seja intenso, não é possível falar de doença nessas situações. É necessário ter muito cuidado para não tornar patológico o sofrimento”. (Bock, Ana Mercês Bahia & Furtado, Odair & Teixeira, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo, SP: Saraiva, 2018, p. 383,384)

contribuir significativamente no sentido de amenizar a angústia dos que sofrem de ansiedade, oferecendo-lhes alívio e um caminho pelo qual possam trilhar com paz e segurança.

Isto posto, a reflexão aqui proposta trabalhará em torno do problema do mal, partindo da elaboração feita pelo teólogo e filósofo Agostinho de Hipona, e como ela pode contribuir no enfrentamento à ansiedade.

## 2. O problema do mal à luz de Agostinho de Hipona e sua possível contribuição no enfrentamento à ansiedade

Por ocasião da morte de sua esposa, C. S. Lewis foi tomado por dúvidas tão profundas, fazendo-o questionar a bondade de Deus, ao ponto de pensar ter sido enganado.<sup>31</sup> Seguindo na linha de Lewis, ressalta-se que, indiscutivelmente, todo ser humano – em algum momento de sua vida – se defrontará diante de situações que o forçarão a levantar questões sobre o problema do mal, tais como: a) O que é o mal?; b) Qual a origem do mal?; c) Por que o mal não é vencido?; d) Qual a finalidade do mal?; e) Onde está Deus quando chega o mal?

O drama humano em relação ao problema do mal é antigo, aliás, ele remonta ao período bíblico. Dentre outros, pode-se ver o exemplo dos profetas Jeremias e Habacuque, que tiveram de lidar com esse drama em questões pessoais e interpessoais, isto é, individuais e coletivas, respectivamente.<sup>32</sup> Fica evidente que a organização do caos tem sido um dos principais anseios

---

<sup>31</sup> Essas são as palavras de C. S. Lewis: “Cedo ou tarde, enfrentaremos esta pergunta numa linguagem simples e direta, quais são os motivos que temos para acreditar que Deus é “bom” por qualquer padrão que possamos conceber? À primeira vista, todas as evidências não sugerem exatamente o contrário? O que temos para contrariá-las? Temo Cristo contra elas. Mas e se Ele estivesse enganado? Suas últimas palavras têm um significado perfeitamente claro. Jesus descobriu que o ser que Ele chamava de Pai era terrível e infinitamente diferente do que Ele imaginava. A armadilha, preparada cuidadosamente durante tanto tempo, com uma isca tão sutil, surgiu de forma repentina na cruz. A brincadeira vil obteve sucesso... Fomos enganados passo a passo. Vez após vez, quando Ele parecia mais gracioso, estava, na verdade, preparando a próxima tortura.” (GEISLER, Norman L. & BROOKS, Ronald M. **Respostas aos Céticos: Saiba como responder questionamentos sobre a fé cristã**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2016, p. 61)

<sup>32</sup> Jeremias tem sido chamado de “o profeta das lágrimas”, e isso por pelo menos dois motivos: a) por ser considerado o escritor do livro das Lamentações; e, b) pelo sofrimento que marcou o seu ministério. Desde que foi chamado por Deus, Jeremias foi avisado de que sofreria (Jr 1.19), vindo a ser preso, rejeitado pelo seu povo e pela própria família (Jr 11.19-21; 12.6; 20.2; 32.2-3). No entanto, nenhum desses sofrimentos se compara com o que esse profeta viveu, quando teve de lidar com a aparente indiferença de Deus, vindo a chamá-lo de “ribeiro ilusório” (Jr 15.18). Enquanto Jeremias viveu suas duras experiências em uma dimensão mais pessoal, o profeta Habacuque teve seus questionamentos advindos dos problemas de ordem social e coletiva. As primeiras palavras de Habacuque em seu livro “até quando”, sinalizam para o nível de dúvidas que o profeta nutria em seu coração, e os motivos disso giravam

da alma humana e um dos principais empreendimentos dos pensadores, das mais variadas áreas do conhecimento, inclusive da teologia.

A teodiceia é um daqueles termos que, embora não seja mencionada expressamente nas Escrituras, seu conceito pode ser encontrado em todas as suas páginas. O início de seu uso tem sido atribuído à obra *Ensaio de Teodiceia* do filósofo alemão G. W. Leibniz (1646-1716) e basicamente, diz respeito a uma reflexão sobre o dilema fundamentado entre as seguintes declarações: a) Deus existe; b) Deus é todo poderoso; c) Deus é bom; d) o mal existe (LEIBNIZ, 2013).

Historicamente, há muitas contribuições relevantes sobre o problema do mal sob uma perspectiva filosófica e teológica, mas poucas – ou nenhuma – se assemelha à que resultou dos esforços do bispo católico Agostinho de Hipona, elaboração esta que possivelmente pode servir de instrumento por meio do qual a ansiedade pode ser enfrentada e seus efeitos serem vencidos.

Aurelius Augustinus, nasceu em Tagaste, situada na província da Numídia, no Norte da África, no ano de 354. Filho de um pai pagão e de uma mãe cristã piedosa, recebeu forte influência do pai para os estudos e da mãe para as coisas de Deus, aliás, ela lutou, em oração, pela salvação de seu filho. De 365 a 369, estudou literatura em Madaura, nutrindo grande apreço pela linguagem, e em 370 chegou a Cartago – com a ajuda de Romanianus – para estudar retórica, de forma aprofundada, onde também estabeleceu uma relação com uma mulher, que durou 13 anos, que lhe deu um filho por nome Adeodato. Ali também teve acesso à obra *Hertensius*, de Cícero, despertando nele o desejo pelo conhecimento da verdade, da sabedoria e da pureza. Sua busca pela verdade o levou ao maniqueísmo, passando nove anos de sua vida nessa seita materialista e dualista.<sup>33</sup>

Agostinho chegou em Roma no ano de 383, e dirigiu-se a Milão em 384, onde conheceu Ambrósio que o influenciou a ponto de convencê-lo de que o cristianismo possuía condições de defender-se dos ataques maniqueístas, e então, alistou-se como um catecúmeno na igreja. Converteu-se, finalmente, aos 31 anos de idade a partir da leitura de Romanos 13.13-14, e no dia

---

em torno de temas como violência, injustiça, brigas, pecado”, questionando, inclusive, a bondade de Deus e a sua capacidade em solucionar o problema (Hc 1.2-17).

<sup>33</sup> “Maniqueu foi um dualista do terceiro século que afirmava que o mundo foi feito de matéria incriada. Segundo ele, essa matéria era má em si mesma. Assim, toda a existência física era maligna; apenas as coisas espirituais poderiam ser boas. Agostinho compôs uma grande quantidade de escritos para mostrar que tudo aquilo que Deus criou é bom, e que o mal não é uma substância.” (GEISLER, Norman L. & BROOKS, Ronald M. **Respostas aos Céticos: Saiba como responder questionamentos sobre a fé cristã**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2016, p. 63

25 de abril de 387 foi batizado por Ambrósio. Depois de tanto relutar, tornou-se bispo na cidade de Hipona, no ano de 391, onde faleceu em 28 de agosto de 430.

A relação de Agostinho com o maniqueísmo resultou de sua busca por respostas sobre o problema do mal.<sup>34</sup> Aliás, em suas *Confissões*, é possível notar a angustiante busca por respostas sobre a origem do mal, que dominava o bispo de Hipona, o reconhecimento, posterior à sua conversão, de que buscou de maneira equivocada e sua reafirmação a respeito de sua fé em Deus, não obstante os seus questionamentos, conforme se lê em suas próprias palavras:

Buscava a origem do mal, mas buscava erroneamente... Assim, a Vossa criatura *finita*, supunha-a eu cheia de Vós que sois o *infinito*. Dizia: “Eis Deus e eis o que Deus criou! Deus é bom e, por conseguinte, criou boas coisas. E eis como Ele as rodeia e as enche! Onde está, portanto, o mal? Donde e por onde conseguiu penetrar? Qual é a sua raiz e a sua semente...? Qual a sua origem, se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal...? Revolvia tudo isto dentro do meu peito miserável, oprimido pelos mordazes cuidados do temor da morte e por não ter encontrado a verdade. Estava, contudo, arraigada no meu coração a fé em Jesus Cristo, Vosso Filho, Senhor Salvador Nosso, professada pela Igreja Católica. Se bem que me achava ainda informe e flutuando para além da norma da doutrina, contudo o meu espírito não abandonava a fé, antes cada vez mais se abraçava a ela (AGOSTINHO, 2001, p. 144,146).

As análises agostinianas sobre o mal são amplas e complexas. Por exemplo, em sua obra *O Livre-Arbítrio* é possível notar o seu aprofundamento nessas questões sob três aspectos: a) metafísico-ontológico; b) moral; e, c) físico. A reflexão proposta nesse artigo possui uma relação com o aspecto físico da abordagem que Agostinho faz sobre o mal, que de acordo com a sua elaboração, trata-se de uma consequência do mal moral (AGOSTINHO, 1995, p. 7).

Ao referir-se à dimensão física do mal, o bispo de Hipona tem em mente as doenças, os mais variados tipos e níveis de sofrimentos, toda e qualquer forma de injustiça, as tragédias naturais e a própria morte. E, conforme assinalado anteriormente, essas formas de mal, têm sido responsáveis por grande parte dos casos de ansiedade, e isso faz da elaboração teológica e filosófica de Agostinho uma grande aliada no enfrentamento desse mal que tem levado muitas pessoas ao sofrimento emocional.

---

<sup>34</sup> Ao responder seu amigo, Evódio acerca da causa que leva o homem a praticar o mal, Agostinho respondeu: “Ah! Suscitas uma questão que me atormentou por demais, desde quando era ainda muito jovem. Após ter-me cansado inutilmente de resolvê-la, levou a precipitar-me na heresia (dos maniqueus), com tal violência que fiquei prostrado” (AGOSTINHO. *O Livre-Arbítrio*. São Paulo, SP: Paulus, 1995, p. 14).

Ressalta-se que o entendimento de uma possível contribuição da concepção de Agostinho sobre o problema do mal no enfrentamento à ansiedade, passa pela consideração do que pode ser encontrado em sua obra de oposição ao maniqueísmo, intitulada *Da Natureza do Bem*, na qual é possível encontrar as seguintes pontuações: a) uma reflexão em torno do problema do mal não carece de dividir o mundo (dualismo) em duas forças iguais; b) o mal não é uma substância, mas a deturpação, ou ainda, a corrupção do que Deus criou com perfeição; c) Deus é infinitamente superior a tudo o que criou, e evidentemente, toda a criação, diferentemente de seu Criador, pode ser corrompida, mui especialmente pelo mal uso do livre-arbítrio que o homem recebeu como dádiva divina (MATOS, 2013, p. 20, 26).

A subjetividade, o movimento e a transformação pertencem ao escopo da psicologia, e na abordagem desses pontos, é possível perceber que há no ser humano a busca por uma vida melhor, isto é, ordenada, regrada e bem vivida (BOCK E FURTADO, 2018, p. 10, 12). Partindo do princípio de que há uma busca por uma vida perfeita, se entende que há um padrão de vida que é desejado e buscado, e isso implica em dizer que, possivelmente, o ser humano já tenha vivido nessas condições, e em algum momento e por alguma razão, o perdeu. Segundo o conceito de Agostinho, as mais variadas formas pelas quais o mal se manifesta no mundo físico, se dão em decorrência do mal moral, isto é, a quebra de uma aliança, e nesse caso, o pecado do homem.

A ansiedade é uma forma de angústia, e esta por sua vez é reflexo do pecado, ou seja, caso o pecado não tivesse afetado a raça humana, não existiria a angústia, e conseqüentemente, a ansiedade não seria parte da vida e da existência humana (KIERKGARD, 2015, p. 50,56). Sendo assim, uma vez que, de acordo com o conceito agostiniano de que o mal e suas manifestações resultam da quebra de uma relação saudável entre o homem e Deus, logo então, o primeiro passo em direção a uma possível solução para isso estaria na renovação desse elo quebrado, no qual a sua principal característica se encontra num coração que descansa em um Deus bondoso, justo e todo-poderoso, conforme Agostinho escreveu a Evódio, seu amigo:

Tem coragem e conserva a fé naquilo que crês. Nada é mais recomendável do que crer, até no caso de estar oculta a razão de por que isso ser assim e não de outro modo. Com efeito, conceber de Deus a opinião mais excelente possível é o começo mais autêntico da piedade. E ninguém terá de Deus um alto conceito, se não crer que ele é todo-poderoso e que não possui parte alguma de sua natureza submissa a qualquer mudança. Crer que ele é o Criador de todos os bens, aos quais é infinitamente superior; assim como ser ele aquele que governa com perfeita justiça tudo quanto criou, sem sentir necessidade de criar qualquer ser que seja, como se não fosse auto-suficiente. Isso porque tirou tudo do nada (AGOSTINHO, 1995, p. 17).

O que se nota nas palavras do bispo de Hipona é que a parte central de sua elaboração sobre o problema do mal pode ser assim dividida: a) é preciso uma fé inabalável em Deus; b) é preciso crer que Deus é todo-poderoso; c) é preciso descansar no fato de que Deus é bom. Mesmo com essas convicções, Agostinho teve de enfrentar as principais questões da teodiceia, tais como: “Se Deus é o Criador de todas as coisas, e o mal – sendo uma coisa – existe, seria Ele o seu Criador?”; “Se Deus é bom, por que permite a existência e a permanência do mal?”; “Se Deus é todo-poderoso, por que não o destrói de uma vez por todas?”

Conforme visto anteriormente, parte do conceito de Agostinho sobre o problema do mal, repousa sobre sua defesa de que as catástrofes, as doenças e toda sorte de injustiças, decorrem do mal moral, ou seja, do pecado, o que para ele, constitui-se no desejo do homem ser igual a Deus, desejo este que pode ser identificado nos mais distintos atos humanos. Portanto, para ele, no que tange aos distúrbios resultantes dessa ruptura – e nesse caso, a ansiedade – só pode haver um retorno à plena felicidade, caso o homem reconheça suas próprias limitações, diante da infinitude da grandeza, do poder e da bondade de Deus.

Brachtendori explicita isso em seus comentários das *“Confissões de Agostinho”*, conforme se lê abaixo:

Fundamentalmente, a natureza do homem consiste em ser criado por Deus. O homem que reconhece isso vive segundo a natureza. Ele concebe Deus como sumo bem e se torna feliz na obtenção desse bem. Em contrapartida, o homem que deseja ser como Deus e, em conformidade com isso, procura a quietude e a felicidade em si mesmo cai numa contradição com sua própria essência, que provoca desordem da alma, conduz a equívocos a respeito da verdadeira hierarquia dos bens e, por fim, à infelicidade (BRACHTENDORI, 2008, p. 70).

Em outras palavras, o homem só poderá alcançar paz na alma, mesmo diante de tantas aflições e angústias, quando recolher-se ao lugar de criatura, e reconhecer e submeter-se a Deus como Soberano Criador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente produção literária reafirma a importância do diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e sua capacidade em contribuir com o bem das pessoas. Conforme visto, a ansiedade - área tratada pela psicologia – apresenta em seus estudos inúmeras pessoas com os mais diferentes tipos e níveis de sofrimento. Uma das principais causas da ansiedade está na

incapacidade das pessoas em impedir que o mal aconteça, ou mesmo de dar explicações plausíveis sobre em situações de catástrofes ou de perdas pessoais.

A teodiceia se propõe a refletir sobre a relação de atributos divinos como poder, bondade e existência, diante da origem, da realidade e dos efeitos do mal. Nesse campo, que pertence à teologia, Agostinho, bispo de Hipona, presenteou a humanidade com uma elaboração que, se colocada em diálogo com a psicologia, na intenção de atender aos que sofrem de ansiedade, tem muito a contribuir no enfrentamento, e até mesmo na vitória sobre os efeitos desse mal. Essa possível contribuição encontra-se basicamente em dois pontos fundamentais: a) embora reconheça a existência e a realidade do mal, Agostinho ratifica a existência, a bondade e o poder de Deus; b) o caminho para que o homem tenha paz em meio à tormenta é voltar-se para o seu Criador e reconhecê-lo como Soberano.

Sendo assim, esse texto utilizou-se do diálogo entre a psicologia e a teologia, no sentido de oferecer uma possível contribuição no enfrentamento ao problema da ansiedade a partir da obra de Agostinho de Hipona a respeito da teodiceia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão: Edição Século 21**. São Paulo, SP: Vida Nova, 2004.

LACOSTE, Jean Yves (Dir.). **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo, SP: Paulinas: Loyola, 2004.

AGOSTINHO, Aurélio. **Confissões**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

WANDERLEY, Daniel Felipe Silva. **A Teologia em Diálogo com as Psicologias entre os Séculos XIX e XXI**. Curitiba, PR: CRV, 2019.

WEITEN, Wayne. **Introdução à Psicologia: Temas e Variações**. São Paulo, SP: Cengage, 2019.

CRUZ, Elaine. **Equilíbrio Emocional: Personalidade Transformada pelo Fruto do Espírito**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2019.

BOCK, Ana Mercês Bahia & FURTADO, Odair & Teixeira, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. São Paulo, SP: Saraiva, 2018.

GEISLER, Norman L. & BROOKS, Ronald M. **Respostas aos Céticos: Saiba como responder questionamentos sobre a fé cristã**. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2016.

AGOSTINHO. **O Livre-Arbítrio**. São Paulo, SP: Paulus, 1995.

LEIBNIZ, G. W. **Ensaio de Teodiceia**. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 2013.

MATOS, Alderi S. **A Vida e o Ministério de Agostinho de Hipona**. Fé para Hoje, São José dos Campos, SP, edição 40, p. 20-26, Dezembro, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BRACHTENDORI, Johannes. **Confissões de Agostinho**. São Paulo, SP: Loyola, 2008.